



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
Ecs. teleg. Tathaba - Lisboa - Telefone
Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O inelutável

Agitam-se presentemente, em Lisboa, no intuito de obter um salário mais alto, os fabricantes de calçado, os operários da indústria têxtil, os arsenais, os operários dos outros estabelecimentos do Estado, os telefonistas, os chapeleiros, os funcionários públicos, os manipuladores de tabaco, os ferreiros, os ferroviários, os impadores de caldeiras, os passoal dos matadouros e ainda fracioneis de outras classes.

Preparam-se já para reclamar também aumento de salário, em fortes movimentos corporativos, os quais não virão porventura a estranhos o aspecto conflitivo, os operários da indústria da construção civil, gráficos, metalúrgicos, operários do ramo mobiliário e latais, indo seguir-lhes certamente o exemplo — que as circunstâncias são imperiosas — os restantes trabalhadores que dispõem de organizações de resistência capazes de se confrontarem o respectivo industrialismo.

Vamos assistir, portanto, a um movimento quase geral do proletariado organizado económicoamente, o qual é determinado pelo mesmo forte motivo: a alta do custo de vida, movimento que não é o primeiro que se verifica depois da guerra, veio perturbar vigorosamente a sociedade, e que possivelmente não será o último.

Ali assiste porventura razão aos trabalhadores que reclamam? Quem será capaz de pôr em dúvida a justiça das suas exigências, ignoradas, na hora grave que passa, pela favorosa caroçaria da

Ninguém a tal se abalançará nem tanto e muito menos as entidades a quem se dirigem as reclamações do proletariado, embora, merecendo a mœcânia orientação que tais entidades imprimem aos seus actos, sempre que lhes é presente uma reclamação operária, adivinhemos já que não cedem sem que os estabelecimentos, oficinas ou obras em que preponderam não fechem uns dias e também sem que os órgãos de informação não noticiem a realização de conferências entre delegados das duas partes e até de representantes de instituições estranhas a, por último, transições mútuas de assalariados e assalariados, publicidade essa que, no calculado critério patronal, é misericórdia, a fim de que esse patronato depois fique habilitado a exigir por sua vez ao consumidor apenas a parte correspondente a que teve que ceder aos seus assalariados, mas essa parte é mais três ou seis ou dez para...

A conferência dos organismos de transportes

Realiza-se hoje na sede da C. G. T., promovida por esta

E hoje, pelas 11 horas, que se reúnem, na sede da C. G. T., os delegados que representam os organismos de transportes de terra e mar, de longo curso, para se ocuparem dumha questão internacional da mais alta importância.

E tal é a sua transcendência que a resolução ou resoluções a tomar, afirmarão duma forma inelutável quais os desejos, a consciência e a força de que estes possuidos os organismos de transporte, em face dumha questão transcendental e humana.

Far-se-á representar os organismos que mais podem influir em questões nacionais e internacionais.

O Comité Confederal confia em que estes organismos saberão afirmar a sua vontade.

Funcionalismo público

As "démarches" junto das regiões oficiais

Conferenciam ontem com o ministro das finanças a comissão de funcionários administrativos, a comissão central de equiparação dos vencimentos dos empregados do Estado e a comissão organizadora da cooperativa dos funcionários públicos.

Funcionários administrativos Os delegados dos funcionários administrativos do país, tiveram ontem uma conferência com o ministro das finanças, sobre as suas reclamações. O ministro recebeu os delegados e prometeu introduzir no seu projecto de lei, que não permite as camaras aumentar as suas contribuições, uma emenda pela qual esses aumentos serão permitidos quando se destine a respectiva receita para melhorar os vencimentos do pessoal. Mais prometeu ter sobre o assunto uma conferência com o chefe do governo.

As gazetas burguesas, os governantes, os parlamentares e, de modo geral, todos os que fazem ao público, sempre que a classe operária se agita pelo aumento do salário, supondo dar-nos uma novidade, vêm logo com o argumento do círculo vicioso. Bem sabemos isso e foi até uma instituição sindicalista — a extinta União Operária Nacional — quem pela primeira vez entre nós exprimiu o conceito, fazendo-o no seu manifesto de Maio de 1918, quando dirigindo-se ao proletariado nacional, lhe fazia uma exortação, da

NOTAS & COMENTARIOS

A eterna cantiga Pouco depois da instauração dessa beleza que para aí está a esperar que o cangalheiro tenha tempo para lhe fazer o caixão, o movimento operário começou a surgir e muitas classes se lançaram em greve, reclamando regalias várias. Os governantes de fresca data não gostaram da história e vê de fazer perseguições, ao mesmo tempo que proclamavam em ênfase ao país: «o momento não é azado para o operário reclamar; agora é preciso trabalhar muito, para assegurarmos a estabilidade da República». E depois destas declarações continuaram prendendo, assassinando, encerrando sindicatos. Estala a guerra. A situação económica agrava-se e o proletariado protesta. Então, os governantes, muito pacorrendamente, mudam o discurso ao gramofone e começam dizendo: «nesta ocasião, tão soleine para a história pátria, em que os nossos valerosos soldados se estão batendo nos campos da Flandres, é um crime qualquer agitação operária». E imediatamente fuzilaram algumas dezenas de operários aqui de frente, na Calçada do Combro, enquanto os homens de dinheiro cumpriam à altura o seu dever de lidímos patriotas e homens de bem esfomeados o povo. Assim-se o armistício, estila Monsanto e o proletariado salva a República. Os republicanos, num assomo de reconhecimento, estabeleceram o dia de 8 horas, que o proletariado aceita de muito boa vontade. Mas depressa se arrependem. O gesto foi imprudente e pensam em emendar a mão, motivo porque deram corda ao realje, tomando uma ária que se pode resumir: «assimada a paz, iniciado o período em que é preciso trabalhar muito, o proletariado quer o dia de 8 horas; não é possível reduzir dessa forma a produção nacional, sendo preciso que os proletários muito patrioticamente se resolvam a trabalhar umas 24 horas em cada dia». Estão aqui definidos os três períodos mais importantes da história da República e todos por experiência própria sabem como os homens do regime são pródigos nas mais audaciosas patranhas. Mas ainda destas vez os trabalhadores se deixaram ludibriar. Vejam lá, se acham ainda pequena esta grande mistificação, é só pedir por boas, porque cada vez estamos mais convencidos que a política tem roubado a de Talma astros de primeira grandeza...

Os intelectuais Grande dificuldade de enquadramossem pre em fazer a distinção entre intelectuais e manuais, sendo muito difícil definir onde começa e onde acaba o trabalho manual. Em quasi todos os ofícios há tarefas que demandam um esforço cerebral, ao passo que nos custa a descobrir a intelectualidade dum matreiro raposa de tribunais ou de certos médicos que consomem uma existência a assinar atestados e a receber hóstias de várias qualidades. Seria arrazo, pois, pretender estabelecer a fronteira que separa manuais de intelectuais — se é que alguma fronteira pode e deve existir. Não o entende assim um qualquer grupo reformista dum capelinho intitulado Federação Nacional Republicana que, influenciado pela recente constituição em França dumha Confederação Geral dos Intelectuais, cossa idêntica pretende levar a cabo aquilo. Não ficaram os homens pelas palavras e vê de meter mãos à obra, constituindo uma comissão organizadora, de que fazem parte dois funcionários públicos, dois militares profissionais, um contabilista, etc., estando nôs em sérios embargos para descobrir quais as intelectuais funções que a dentro dos seus mistérios desempenham esses indivíduos. Estamos convencidos, de resto, de que a referida comissão não virá grande mal às gentes, para mais que dela faz parte um veterinário, que não recusará, em nome dumha camaradagem certamente lial, os seus serviços áqueles dos seus colegas que forem atacados pela intelectualidade-aguda.

As reclamações ferroviárias O nosso informador na Arcada, enviou-nos a seguinte informação: O sr. ministro do comércio não foi ontem à sua secretaria por estar no propósito de ali não voltar se o parlamento não aprovar a melhoria de situação dos ferroviários do Estado.

Estamos na realidade, assistindo a um caso curioso: o parlamento, que ao exército não tem negado as mínimas reparações, consentindo no aumento do caucho militarista, combate encarniçadamente as reclamações ferroviárias, desatando-se nesse combate os populares que ao exército tem feito um náu-môr descurado. Que resultará disto? Os ferroviários do Estado serem compelidos, pelos parasitas de S. Bento, a irem para a greve, atendendo-se por suas reclamações, mas após algumas dias de paralisação do tráfego ferroviário, o que acarretará sensíveis prejuízos.

Os aliados e a Rússia O reatamento das relações comerciais é um facto

COPENHAGUE, 13. — Telegramas de Reval anunciam ter começado as relações comerciais com a Rússia. Litvinoff recebeu confirmação da sua nomeação para as funções de director representante das cooperativas em Copenhague, onde se vai instalar uma central comercial bolchevista para a ratificação do círculo vicioso.

Ao encarrar-se os trabalhos, foram levantados entusiasmados vivas á C. G. T., á União do Pessoal dos Correios e Telégrafos e ao funcionalismo público.

Redação e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

Ecs. teleg. Tathaba - Lisboa - Telefone

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A Casa dos Trabalhadores

O apuramento da primeira contribuição para a Casa dos Trabalhadores atingiu 15.000\$00

Conforme noticiámos no nosso número de ontem, os operários mecânicos acúcar, após a solução do seu recente movimento grevista, deliberaram contribuir com um dia de salário para a Casa dos Trabalhadores, dando assim prova de que a ideia da aquisição de uma sede onde possam estar completamente instalados os organismos sindicais lhes merece tanta simpatia que aviram de lutar com o patronato para conquistar mais alguns centavos nesta hora difícil para os que do trabalho vivem, a sua primeira preocupação é concorrer com o produto material de um dia do exercício da sua actividade para a iniciativa a que veem de lançar-se com entusiasmo os representantes dos nossos organismos de resistência.

Sabemos que outras corporações que ora lutam, levadas com o mesmo objectivo, com o patronato, ao conseguirem ver satisfeitas as suas legítimas pretensões se propõem tomar resolução idêntica à daquela classe, intenção esta que dá uma justa medida do forte desejo que anima o proletariado de materializar, embora à custa de dificuldades grandes, a ideia que vimos agitando nestas colunas, da aquisição da Casa dos Trabalhadores.

O passo que isto sucede em Lisboa, em várias terras da província promovem-se feitas cujo produto reverte a favor da Casa dos Trabalhadores, chegando-nos agora a notícia de que em Aveiro um grupo de camaradas, à frente dos quais se encontra Augusto Cadete, vai realizar em breve uma dessas festas.

Conforme ontem dissemos, a totalidade das quantias colhidas no primeiro mês para a Casa dos Trabalhadores eleva-se à soma de quinze contos de réis, mês que representa um grande esforço levado a efecto pelo proletariado, mestre se tornando, porém, que ao esforço realizado outros grandes esforços ajuntam, sem o que possibilidade não haverá de vermos convertido em realidade um dos mais arrojados, mas também dos mais necessários empreendimentos da organização sindicalista.

Sindicato Único Metalúrgico

A comissão auxiliar pró-Casa dos Trabalhadores deste sindicato ao terminar o primeiro mês de colisão, reconhece a altitude digna dos camaradas de algumas oficinas que a tem coadjuvado nos seus trabalhos e lembrar que devem continuar a cotisar e verberar o procedimento daqueles que ainda não o fizeram até à data.

O Congratula-se em especial pelo gesto do Pessoal da Parceria dos Vapores Lisboenses pela forma como tem compreendido o seu dever, isto sem desprazer para aqueles que tem contribuído com a sua cota parte para a Casa dos Trabalhadores, e espera esta comissão, para honra da classe metalúrgica, que todos os camaradas sigam igual exemplo.

Relação dos contribuintes

Sindicato Único da Construção Civil de Lisboa

Lista n.º 3. — Guilherme Sílva Loureiro, pedreiro, 280; Carlos Abreu, carpinteiro, 180; Isaiu José Ribeiro, idem, 280; Noel José Ribeiro, idem, 1870; Alfredo Nunes, carpinteiro, 1870; Francisco Ribeiro, carpinteiro, 1870; Francisco Pereira, carpinteiro, 1870; António Duarte, idem, 1870; Abel Pereira Aranjo, pintor, 285; Silvestre Mendes, aprendiz carpinteiro, 1870; Joaquim Diamantino, pedreiro, 2870; António da Paixão, carpinteiro, 2870; Gustavo Reis, carpinteiro, 1870; António Monteiro, 2870; António Soárez, carpinteiro, 2870; Fernando Soárez, carpinteiro, 2870; José Alcântara, carpinteiro, 1870; João Anjos, carpinteiro, 2870; João Vicente Vieira, carpinteiro, 2870; Francisco Cardoso, carpinteiro, 2870; Francisco Carvalho, carpinteiro, 2870; Edmundo Góis, carpinteiro, 2870; António Góis, carpinteiro, 2870; Domingos António Monteiro, 2870. Total desta lista 63885.

A situação de "A Batalha"

O facto de darmos hoje quatro páginas não significa, mau grado nosso, que hajam sido atenuados os embargos que se tem levantado à regular publicidade de A Batalha, a qual continua a atravessar um mau momento, devido à carestia extrema do papel de impressão, ora pago a preços tan alto que supunhamos inatingíveis.

Verifica-se hoje, não só em relação à Batalha, mas também aos outros diários que vivem dos próprios recursos, esta situação singular: quanto maior é a sua publicidade, mais elevado é o prejuízo que sofrem, uma vez que, como já o acentuámos, o jornal se vende por preço inferior ao do respectivo custo. Anteriormente, a preocupação maior de todos os órgãos de publicidade era fazerem grandes tiragens, pretendendo só poder ter tal ambiente aqueles jornais que contam com elevadas receitas de anúncios ou então os que, sem escrupulizar na seleção da matéria paga, aceitam quaisquer comunicados. E todavia A Batalha, que em virtude da carestia do papel, querendo prestar à Organização Operária, tem evidentemente prestado belos serviços que só temos ainda muito que trarbalhar para que a nossa educação dos trabalhadores, mas ainda como um belo e importante factor de educação.

A Batalha, jornal da organização operária, porta-voz de todos os trabalhadores, só pode eles deve ser sustentado. Se todos os organismos seguirem o processo do sindicato a que pertencem, contribuindo cada sindicado com i centavo por semana para A Batalha, certo é que a sua vida estará assegurada, mas como assim não sucede, justo é que dous recursos lancemos mão.

Assim, lembramo-nos que se todos os sindicatos, numa proporção relativa ao número de associados, contribuissem com uma mensalidade fixa, teríamos por este modo feito desaparecer o deficit, e A Batalha continuaria prestando os seus serviços aos trabalhadores, podendo arrojar-se a fazer muito mais, porque não temos ainda muito que trarbalhar para que a nossa educação dos trabalhadores, mas ainda como um belo e importante factor de educação.

A realização deste meu alvitre, dará a todos que nos ouvem, que nos escutam, a verdadeira noção da grandeza da nossa força, e parece-me que já é tempo de nos convencermos do nosso valor.

E na manutenção do órgão da C. G. T. que reside a demonstração da nossa coesão, e do que valemos como classe organizada. Aqui fica, portanto, o alvitre, e estou certo que todos os sindicatos, raciocinando, lhe darão o seu franco e leal apoio.

Dedicções em volta de "A Batalha"

Continuam vários sindicatos e amigos de A Batalha a manifestar-nos a sua solidariedade. Assim, a Associação dos Chauffeurs, na sua última assembleia geral, depois de aprovar um voto de protesto contra a deportação dos camaradas expulsos do Brasil, votou um outro de louvor á Batalha, e resolveu adquirir 50 acciones e convocar os seus sócios a adquirirem por sua vez obrigações de A Batalha, que oferecerá á Associação, sendo desde logo aberta a inscrição respectiva, que atingiu um número superior a 100 obrigações.

Também o nosso velho amigo e camarada António Sá Júnior nos envia 1800, quantia esta com que contribuirá mensalmente, pedindo-nos convide os amigos de A Batalha a seguirem o seu exemplo, como claramente acreditava.

Os empregados da Carris de Ferro, na sua assembleia de ontem, aprovando a situação de A Batalha, nomearam uma comissão para angariar donativos a favor deste jornal, resolvendo também efectuar brevemente uma festa com o mesmo intuito. O ca-

NOTAS & IMPRESSÕES

Entrudo por um óculo

Vem o governo de praticar uma ação meritória que há de levá-lo, seguramente, à posteridade á cavaleira dos adjectivos encomiásticos das vítimas do Entrudo e encavalitado nas vias e nos insultos dos carros dos referidos. Acha-se o governo de pôr o pé direito no lixo da celebriidade, não permitindo que durante os três dias anualmente consagrados a exibição de misérias se pratiquem actos a que alguns chamam infensas brincadeiras, e a que outros, evidentemente mais cismurres, teimam em chamar selvajarias. Decididamente o governo andou com cabeça, porque esta coisa de Carnaval está hoje averiguado que apenas tem o mérito de dividir em dois bem distintos lotes a população dumha cidade, dumha vila ou dum lugar qualquer. Dum lado os carros, os que, a todo o transe, querem brincar, galhofar, prejudicar; do outro os vitimas que não querendo, por educação ou por temperamento, fazer nem uma nem outra coisa, são obrigadas a folgadas das fôrmas das circunstâncias, a ser brincalhonas, galhofeiras, com a agravação de não prejudicarem ninguém, sendo elas, pelo contrário, as únicas prejudicadas. Acho, pois, muito bem feito o que o governo acaba de fazer. No entanto, como não há bem sem senão, eu permito-me vir pr'aqui hoje conversar um pouco com os meus botões sobre os motivos que levaram o magnífico e excellentíssimo ministro Pereira, e respectivas peras, a proibir as folgadas entrudescas. Se bem que concorde com a medida, não é de dar-me licença para estranhar tal se fizesse, filiando-se a minha estranheza apenas no facto de nós, portugueses, ayezados não andarmos pelos homens do Estado a medidas repressivas, e violentas por isso mesmo, nem a coletes de forças coercitivos do gôsto de cada um.

Não senhor, não se admite. Mas se os governos, os peregrinos governos que tecem comandado os nossos destinos, tivessem encarado com olhos sem vidros a situação criada aos pobres portugueses, a sombra da guerra, condecoraram deficiências a que nunca julgaram chegar, talvez que os pruridos de sensatez que, tarde e a más horas, se apoderaram dos nossos ministros muito amados não tivessem chegado a manifestar-se. Eu não tenho nenhuma vontade de me divertir, porque para isso não me chega a guitarra nem sobra o entusiasmo, mas, por outro lado, também não posso ver que se proíba o que quer que seja, nem posso

O QUE SE VÉ
—
O QUE SE OUVE

Um homem de ação

Delineamento dum tipo que se encontra através da vida

Encontrei-o há dias, meio oculto num pesado sobretudo, e com um bengalão de secrete, debaixo do braço, como um a troca implacável, sangrenta... Mais compândio de lógica. Sorriu ao ver-me, uma razão para o amachucar. Lá está ele à porta do café, caqueando. Melhor. É um duelo com testemunhas. Engatilho uma tirada. Vou afundá-lo em ridículo. Aproximo-me. Espera... Mas com quem está ele falando?... Uí, que fazendo demócratico...

— Venham de lá esses ossos...

Estendeu-lhe a mão, refirando-a dorida, da brutal compressão dos seus anéis. A ausência do sobretudo, esfriando-me, ou o seu encontro não me aquecendo, motivou talvez este puxio, a minha ressaca:

— O que é que bebe?... Escolha.

— Um café... Eu sei que essa gente de jornais, sem café não dá um passo à frente... Você já deixou isso, não? Fez bem!...

O seu bengalão, e cerio jeito do bicho, junto com os anéis, tentavam-me a maliciosas observações, acirraram o meu instinto disruptor. Falei-lhe da Batalha.

— Com que então na Batalha... Bom... Bom...

Abancámos.

O meu amigo vai bem!... O bolsevismo é o ideal do futuro, creio-o firmemente. Não pode mesmo ser douta forma. É preciso que seja... Isto está a pedir reforma, e já não vai sem pancadaria... É preciso meter essa califa na ordem, mas á força. Eu cá... Você sabe... Eu sou um homem de ação.

— Então estive com rodeios, desabei á queima roupa:

— Que tem dizer deles?

— Olhe, meu caro... Tudo... Tudo quanto disseram deles, há anos, os evolucionistas, e mais alguma coisa!...

— Pois eu admiro! São uns homens de ação!... Não são uns parvos como os nossos idealistas camaradas.!!!

Confesso que embatuei. Se o homem quebrasse o bengalão na minha caixa craniana, não ficaria, creio, mais aturdido.

Quando me sacudi, de molde poder ripostar, alguém, tomado-lhe o braço, arrostando-o quase, com o ar de quem arrebatava alguém para uma confidência grave, furtando-o assim à minha colera que, afinal, não sei bem como explodiu...

— Voltei a encontrar o homem do sobretudo, mas desse vez com o bigode rapado e um stick em lugar do bengalão. Rodearam-no vários mancebos, espalhados. Nalguns deles reconheci os pastos roedores da filosofia alemã, e comedores graciosos de pasteis.

Na altura em que cheguei, os latinos apinhavam bordoada bravia...

Era devido ao contagioso contacto que Portugal se perdia. A salvação estava na cópia dos métodos germânicos. Imperialismo... Imperialismo... As nossas tradições, foram imperialistas. A India... O Brasil...

Aqueles moços de oliveira e aquoso sangue, falinhas mansas e perfil feminino, clamavam pela regeneração da ação, mas à viva força, sem retorá-la latânia: nós que éramos um povo de teimosos...

Então, chegou a vez dos nosso homens:

— Vocês sabem... Eu sou um homem de ação... Isto está a pedir reforma e já não vai sem pancadaria... É preciso meter essa califa na ordem, mas á força... A ordem, a ordem é tudo, é o princípio da ação...

— Sabeu-se-me a vontade de o esfocar. A princípio por náusea. Depois, por fraqueza.

Aquele homem era inatacável, era invencível. Aquel homem esmagava, porque era audacioso, era farrante, era tudo nesta terra...

Eduardo FRIAS

Pobre Arte!

sr. Luis Galhardo, director da Escola da Arte de Representar!

Há alguns anos que o sr. Júlio Daniels vem dirigindo a Escola da Arte de Representar, senão com um brilho que corresponde à beleza das suas peças, pelo menos com bastante vontade de acentuar.

Porém, para se exercer aquele lugar não basta ser-se bom literato; é preciso, a par de um grande conhecimento da arte scénica, possuir-sa uma certa vocação. O sr. Daniels tinha os conhecimentos, é inegável; mas não tinha vocação. Está a acentuar a improliuidade do seu esforço. Reconhecendo isso talvez, o sr. Daniels demitiu-se. É um gesto digno.

Agora o que nos revolta é que, no estado decadente em que o teatro português se encontra, o vâ substituir os sr. Luis Galhardo, que de teatro apenas conhece o lado comercial. Esta a prova-lo o facto de usufruir os lucros da maior parte das casas de espetáculo de Lisboa. «Então não há afinal ninguém que conheça suficientemente teatro para desempenhar o lugar que o sr. Daniels deixou. Há. Mas do que estamos certos é que entre os competentes não figura o nome do sr. Luis Galhardo.

Este empreendedor tem acabado de matar o teatro português com a exibição de rendosas revistas, mas imorais, vergonhosas mesmo. O sr. Luis Galhardo tem as costas a responsabilidade de ter concordado bastante para perverter o gosto do público. As peças lúbricas que o sr. Galhardo tem feito subir à cena — podemos afirmá-lo — tem destruído os sentimentos do povo, tem-no desmoralizado, estupidiificado.

As revistas habilidamente reclamadas e adubadas de graça chula, foram pouco a pouco invadindo, invertendo o bom gosto e o bom senso até ao ponto de em casas, onde as famílias tentam manter a decência que faz o homem puro e sociável, se ouvirem os versos horrores das revistas que lhe tem

grandeado a fortuna. A lepra foi-se estendendo pouco a pouco, mercê do esforço do grande empreário e, hoje em dia, raro é o teatro que não leva à cena a revista indecente, para satisfazer o gosto do público estragado pelo sr. Galhardo.

Havia, porém, uma esperança de regeneração — a Escola da Arte de Representar! Pois nem mesmo a influência do sr. Luis Galhardo deixou de chegar, e é-lhe seu director. Que temos nós a esperar da sua ação dentro daquela escola? O seu aperfeiçoamento?

Uma nova orientação que habilitasse os artistas novos a desempenhar tudo quanto há de bom, de educativo, de moral no teatro moderno? Não. Necessariamente que o sr. Galhardo não terá interesse em que a revista caia, visto que ele está já traçando ancha da na alma popular; portanto o sr. Galhardo só terá interesse em conservar essa lepra, essa arte podre que faz exibir nos seus teatros.

Não somos nós os únicos a lamentar a verbera essa substituição. Também a Associação da Classe dos Trabalhadores de Teatro dirigiu ao sr. Júlio Daniels um ofício onde claramente patenteava a sua repulsa por tal motivo.

Vida cara e difícil

A exportação de lá

A Associação Comercial do Pôrto ponderou ao ministro do comércio quanto se torna prejudicial para a indústria de lâmpadas a saída de lá para o estrangeiro. Diz que a continuar a permisão para exportação daquele produto as fábricas correm o risco de não poderem laborar por falta de matéria prima.

As bichas no Beato

Escrevo ao Amadeu Pinto Cardoso, da rua de Marvila, 158, protestando contra a forma como se constituem as bichas no Beato. Há pessoas que já ás 3 horas estão à porta das mercearias, disso resultando ser muito singular a distribuição de géneros que, com o açúcar, escasseiam muito.

O que se vê e o que se ouve

Um homem de ação

Delineamento dum tipo que se encontra através da vida

AS GREVES

Pessoal dos telefones

Encontra-se ainda no mesmo pôrto o movimento destes camaradas. Uma comissão composta de três membros da U. S. O. acompanhada dos restantes membros da comissão de melhoramentos do pessoal grevista e um representante do Sindicato Único Metalúrgico, efectuou ontem várias *deixarques*, de que resultou ficarem novamente refeitas as negociações, reconhecendo a mesma comissão que se avistou com entidades superintendentes neste assunto, a Companhia cada vez mostrando desejos de que este conflito se solucione, não deixando pôr esse facto de estar um tanto remidente.

Operários do P. A. M.

Segundo comunicação que nos enviaram os sindicatos de Operários Carrageiros e Único Metalúrgico continuam em greve os operários deste estabelecimento do Estado, tendo-se ontem a comissão de melhoramentos avisado o tenente coronel Beltrão, director dos serviços do Parque.

Na conferência que a comissão teve com esse sr. resultou a probabilidade de intervenção do ministro da Guerra no assunto, porquanto por intermédio do sr. Beltrão a comissão procurará o ministro.

Ontem fizeram os operários a entre-ga das ferramentas e o recebimento dos dias atrasados, tendo o acto decorrido com a máxima ordem, sim de que entre os grevistas existe a máxima coesão e solidariedade. O pessoal só reúne na segunda-feira, às 15 horas, depois de a comissão se ter avisado com o ministro.

Mais uma vez me enganei. O homem era portador dum audácia que por momentos me desarmou. Dali a pouco, desfazendo-se em cumprimentos pelo caminho aproximava-se soridente da minha mesa, e instalava-se tranquilamente, envolvendo-me na vaga intimidade de uma comunhão de ideias.

Não estive com rodeios, desabei á queima roupa:

— Então estive com rodeios, desabei á queima roupa?

— Que tem dizer deles?

— Olhe, meu caro... Tudo... Tudo quanto disseram deles, há anos, os evolucionistas, e mais alguma coisa!...

— Pois eu admiro! São uns homens de ação!... Não são uns parvos como os nossos idealistas camaradas.!!!

Confesso que embatuei. Se o homem quebrasse o bengalão na minha caixa craniana, não ficaria, creio, mais aturdido.

Quando me sacudi, de molde poder ripostar, alguém, tomado-lhe o braço, arrostando-o quase, com o ar de quem arrebatava alguém para uma confidência grave, furtando-o assim à minha colera que, afinal, não sei bem como explodiu...

— Voltei a encontrar o homem do sobretudo, mas desse vez com o bigode rapado e um stick em lugar do bengalão. Rodearam-no vários mancebos, espalhados. Nalguns deles reconheci os pastos roedores da filosofia alemã, e comedores graciosos de pasteis.

Na altura em que cheguei, os latinos apinhavam bordoada bravia...

Era devido ao contagioso contacto que Portugal se perdia. A salvação estava na cópia dos métodos germânicos. Imperialismo... Imperialismo... As nossas tradições, foram imperialistas. A India... O Brasil...

Aqueles moços de oliveira e aquoso sangue, falinhas mansas e perfil feminino, clamavam pela regeneração da ação, mas à viva força, sem retorá-la latânia: nós que éramos um povo de teimosos...

Então, chegou a vez dos nossos homens:

— Vocês sabem... Eu sou um homem de ação... Isto está a pedir reforma e já não vai sem pancadaria... É preciso meter essa califa na ordem, mas á força... A ordem, a ordem é tudo, é o princípio da ação...

— Sabeu-se-me a vontade de o esfocar. A princípio por náusea. Depois, por fraqueza.

Aquele homem era inatacável, era invencível. Aquel homem esmagava, porque era audacioso, era farrante, era tudo nesta terra...

Eduardo FRIAS

Pobre Arte!

sr. Luis Galhardo, director da Escola da Arte de Representar!

Há alguns anos que o sr. Júlio Daniels vem dirigindo a Escola da Arte de Representar, senão com um brilho que corresponde à beleza das suas peças, pelo menos com bastante vontade de acentuar.

Porém, para se exercer aquele lugar não basta ser-se bom literato; é preciso, a par de um grande conhecimento da arte scénica, possuir-sa uma certa vocação. O sr. Daniels tinha os conhecimentos, é inegável; mas não tinha vocação. Está a acentuar a improliuidade do seu esforço. Reconhecendo isso talvez, o sr. Daniels demitiu-se. É um gesto digno.

Agora o que nos revolta é que, no estado decadente em que o teatro português se encontra, o vâ substituir os sr. Luis Galhardo, que de teatro apenas

conhece o lado comercial. Esta a prova-lo o facto de usufruir os lucros da maior parte das casas de espetáculo de Lisboa. «Então não há afinal

ninguém que conheça suficientemente teatro para desempenhar o lugar que o sr. Daniels deixou. Há. Mas do que estamos certos é que entre os competentes não figura o nome do sr. Luis Galhardo.

Este empreendedor tem acabado de matar o teatro português com a exibição de rendosas revistas, mas imorais, vergonhosas mesmo. O sr. Luis Galhardo tem as costas a responsabilidade de ter concordado bastante para perverter o gosto do público. As peças lúbricas que o sr. Galhardo tem feito subir à cena — podemos afirmá-lo — tem destruído os sentimentos do povo, tem-no desmoralizado, estupidiificado.

As revistas habilidamente reclamadas e adubadas de graça chula, foram pouco a pouco invadindo, invertendo o bom gosto e o bom senso até ao ponto de em casas, onde as famílias tentam manter a decência que faz o homem puro e sociável, se ouvirem os versos horrores das revistas que lhe tem

grandeado a fortuna. A lepra foi-se estendendo pouco a pouco, mercê do esforço do grande empreário e, hoje em dia, raro é o teatro que não leva à cena a revista indecente, para satisfazer o gosto do público estragado pelo sr. Galhardo.

Havia, porém, uma esperança de regeneração — a Escola da Arte de Representar! Pois nem mesmo a influência do sr. Luis Galhardo deixou de chegar, e é-lhe seu director. Que temos nós a esperar da sua ação dentro daquela escola? O seu aperfeiçoamento?

Uma nova orientação que habilitasse os artistas novos a desempenhar tudo quanto há de bom, de educativo, de moral no teatro moderno? Não. Necessariamente que o sr. Galhardo não terá interesse em que a revista caia, visto que ele está já traçando ancha da na alma popular; portanto o sr. Galhardo só terá interesse em conservar essa lepra, essa arte podre que faz exibir nos seus teatros.

Não somos nós os únicos a lamentar a verbera essa substituição. Também a Associação da Classe dos Trabalhadores de Teatro dirigiu ao sr. Júlio Daniels um ofício onde claramente patenteava a sua repulsa por tal motivo.

Vida cara e difícil

O que se vê e o que se ouve

Um homem de ação

Delineamento dum tipo que se encontra através da vida

O que vai lá por fora

PELA BULGÁRIA

Os boatos de revolução — O partido comunista.

O governo búlgaro desmentiu que a revolução tivesse rebentado em Sofia e as províncias, acrescentando todavia que a situação era bastante embarcada, tendo desde a greve dos caminhos de ferro.

Na realidade Stamboliski, leader do partido agrário, encontra-se ainda no poder, e o rei ainda não foi expulso do palácio, mas no entanto a monarquia está condenada à morte breve, assim como todas as instituições políticas e económicas de que ela é o sustentáculo.

A Bulgária é um país quase exclusivamente agrícola, e os operários industriais representam sómente a um 12 por cento da população trabalhadora, mas apesar do seu pequeno número estão bem organizados e constituem uma inegável força revolucionária.

Dividem-se em socialistas «largos» ou «revisionistas» e «estreitos» ou comunistas, lendo-se os primeiros desacreditados totalmente, desde que participaram no poder em 2 gabinetes sucessivos os leaders do partido Matinof e Theodoroff.

Os comunistas, que até há pouco conseguiram um pequeno grupo, tem feito de um ano para cá grandes progressos, tendo-lhe aderido também muitos camponeses desiludidos com a política de Stamboliski, mas no entanto este movimento não é de inspirar confiança, porque à frente do partido encontra-se um certo número de funcionários, pertencentes à pequena burguesia, ganhando grandes ordenados, e que se podem transformar em ocasião própria em novos Scheidemanns e Noskes.

PELA GRÉCIA

Organização de partido comunista — A delegação à conferência de Washington.

Apesar da supressão de todos os jornais e da prisão dos parlamentares e deputados do partido socialista da esquerda este continua na sua tarefa de organizar revolucionariamente a classe trabalhadora da Grécia, tendo para este fim dirigido a seguinte carta aos socialistas ingleses, pedindo-lhes algumas informações:

O nosso partido, desde a última Conferência Nacional, cortou de vez relações com o Bureau da Segunda Internacional, e resolveu agora declarar-se oficialmente no próximo Congresso uma seção da Terceira Internacional.

Em consequência, todo o agrupamento que se diz socialista deve tomar vis-à-vis destas questões uma posição bem definida.

Considerando, por outro lado, que os princípios proclamados pelo primeiro Congresso da Terceira Internacional em Moscou, são os que devem guiar o proletariado em marcha para a Revolução, como única interpretação verdadeira da doutrina marxista;

Sugerimos que os membros da Federação Internacional dos Estudantes Comunistas espalhem estas ideias pelo proletariado dos seus países respetivos e decretarmos a adesão à Terceira Internacional.

Os yugo-escavos apresentaram também uma moção, que foi aceite, defendendo a criação de grupos de estudantes no seio das juventudes operárias.

Esta moção proclama que todos os membros dos agrupamentos de estudantes devem aderir à juventude comunista do seu país. Nos lugares onde existe, os estudantes farão uma propaganda intensa entre a juventude operária, para que ela seja criada.

Foi também largamente discutida a questão do ensino na sociedade socialista, tendo sido lidos relatórios muito interessantes acerca dos planos de estudos na Rússia dos Soviéticos.

Foram dirigidos convites aos estudantes de todos os países, mas só compareceram de dez: Alemanha, Inglaterra, França, Espanha, Holanda, Bélgica, Itália, Yugo-Eslávia, Suíça, México e Argentina. Dos delegados dos outros países, a alguns foi-lhes negado o visto, e outros desculparam-se com as dificuldades materiais.

A Confederação Geral do Trabalho da Grécia participou aos camaradas franceses, que apesar de ter aparecido nos jornais a notícia de que uma sua delegação de regresso de Washington, havia visitado a administração da Bósnia

O naufrágio do lugre «Dois Nunes»

Foi imponentíssimo o funeral de três dos naufragos, constituindo uma tocante manifestação de saudade

Como anunciamos, realizaram-se ontem os funerais dos tripulantes do lugre «Dois Nunes», naufragado no Canal da Mancha, Abel Queiroz, José dos Santos e José Abente, cujos cadáveres vieram para Lisboa a bordo do cruzador Pedro Nunes.

A manifestação prestada foi imponentíssima, constituindo um comovente velo de saudade, concorrendo a milhares de pessoas, especialmente da classe marítima, tendo-se feito representar as classes não só de Lisboa, mas de todos os núcleos marítimos das margens do Tejo, embarcações, associações, agências e companhias marítimas. As associações de classes marítimas e as agências marítimas tinham a sua haste as suas bandeiras e sinais.

O cortejo saiu do Posto de Desinfecção, pelas 14 horas e meia, vendo-se local e imediações repletos de pessoas, que aguardavam o enterro para nele se encorpararem.

Abriu a procissão a Associação dos Fradeiros do Porto de Lisboa, com o seu estandarte envolto em crepes e uma bandeira enrolada, ladeada por dois associados. Seguiam-se as associações dos Móveis de Cereais, Fogareiros de Mar e Terra, Estivadores, Descarregadores do Seixal, Marítimos de Aldeia, Conferentes Marítimos, todos com bandeiras e estandartes.

No funeral estavam largamente representadas a Banda do Comando Geral de Artilharia, os Descarregadores de Lisboa, Catracas, Criados e Cozinhais de Marinha Mercante Estrangeira, Descarregadores do Barreiro,

O naufrágio do lugre

«Dois Nunes»

Foi imponentíssimo o funeral de três dos naufragos, constituindo uma tocante manifestação de saudade

Como anunciamos, realizaram-se ontem os funerais dos tripulantes do lugre «Dois Nunes», naufragado no Canal da Mancha, Abel Queiroz, José dos Santos e José Abente, cujos cadáveres vieram para Lisboa a bordo do cruzador Pedro Nunes.

A manifestação prestada foi imponentíssima, constituindo um comovente velo de saudade, concorrendo a milhares de pessoas, especialmente da classe marítima, tendo-se feito representar as classes não só de Lisboa, mas de todos os núcleos marítimos das margens do Tejo, embarcações, associações, agências e companhias marítimas. As associações de classes marítimas e as agências marítimas tinham a sua haste as suas bandeiras e sinais.

O cortejo saiu do Posto de Desinfecção, pelas 14 horas e meia, vendo-se local e imediações repletos de pessoas, que aguardavam o enterro para nele se encorpararem.

Abriu a procissão a Associação dos Fradeiros do Porto de Lisboa, com o seu estandarte envolto em crepes e uma bandeira enrolada, ladeada por dois associados. Seguiam-se as associações dos Móveis de Cereais, Fogareiros de Mar e Terra, Estivadores, Descarregadores do Seixal, Marítimos de Aldeia, Conferentes Marítimos, todos com bandeiras e estandartes.

No funeral estavam largamente representadas a Banda do Comando Geral de Artilharia, os Descarregadores de Lisboa, Catracas, Criados e Cozinhais de Marinha Mercante Estrangeira, Descarregadores do Barreiro,

O naufrágio do lugre

«Dois Nunes»

Foi imponentíssimo o funeral de três dos naufragos, constituindo uma tocante manifestação de saudade

Como anunciamos, realizaram-se ontem os funerais dos tripulantes do lugre «Dois Nunes», naufragado no Canal da Mancha, Abel Queiroz, José dos Santos e José Abente, cujos cadáveres vieram para Lisboa a bordo do cruzador Pedro Nunes.

A manifestação prestada foi imponentíssima, constituindo um comovente velo de saudade, concorrendo a milhares de pessoas, especialmente da classe marítima, tendo-se feito representar as classes não só de Lisboa, mas de todos os núcleos marítimos das margens do Tejo, embarcações, associações, agências e companhias marítimas. As associações de classes marítimas e as agências marítimas tinham a sua haste as suas bandeiras e sinais.

O cortejo saiu do Posto de Desinfecção, pelas 14 horas e meia, vendo-se local e imediações repletos de pessoas, que aguardavam o enterro para nele se encorpararem.

Abriu a procissão a Associação dos Fradeiros do Porto de Lisboa, com o seu estandarte envolto em crepes e uma bandeira enrolada, ladeada por dois associados. Seguiam-se as associações dos Móveis de Cereais, Fogareiros de Mar e Terra, Estivadores, Descarregadores do Seixal, Marítimos de Aldeia, Conferentes Marítimos, todos com bandeiras e estandartes.

No funeral estavam largamente representadas a Banda do Comando Geral de Artilharia, os Descarregadores de Lisboa, Catracas, Criados e Cozinhais de Marinha Mercante Estrangeira, Descarregadores do Barreiro,

O naufrágio do lugre

«Dois Nunes»

Foi imponentíssimo o funeral de três dos naufragos, constituindo uma tocante manifestação de saudade

Como anunciamos, realizaram-se ontem os funerais dos tripulantes do lugre «Dois Nunes», naufragado no Canal da Mancha, Abel Queiroz, José dos Santos e José Abente, cujos cadáveres vieram para Lisboa a bordo do cruzador Pedro Nunes.

A manifestação prestada foi imponentíssima, constituindo um comovente velo de saudade, concorrendo a milhares de pessoas, especialmente da classe marítima, tendo-se feito representar as classes não só de Lisboa, mas de todos os núcleos marítimos das margens do Tejo, embarcações, associações, agências e companhias marítimas. As associações de classes marítimas e as agências marítimas tinham a sua haste as suas bandeiras e sinais.

O cortejo saiu do Posto de Desinfecção, pelas 14 horas e meia, vendo-se local e imediações repletos de pessoas, que aguardavam o enterro para nele se encorpararem.

Abriu a procissão a Associação dos Fradeiros do Porto de Lisboa, com o seu estandarte envolto em crepes e uma bandeira enrolada, ladeada por dois associados. Seguiam-se as associações dos Móveis de Cereais, Fogareiros de Mar e Terra, Estivadores, Descarregadores do Seixal, Marítimos de Aldeia, Conferentes Marítimos, todos com bandeiras e estandartes.

No funeral estavam largamente representadas a Banda do Comando Geral de Artilharia, os Descarregadores de Lisboa, Catracas, Criados e Cozinhais de Marinha Mercante Estrangeira, Descarregadores do Barreiro,

O naufrágio do lugre

«Dois Nunes»

Foi imponentíssimo o funeral de três dos naufragos, constituindo uma tocante manifestação de saudade

Como anunciamos, realizaram-se ontem os funerais dos tripulantes do lugre «Dois Nunes», naufragado no Canal da Mancha, Abel Queiroz, José dos Santos e José Abente, cujos cadáveres vieram para Lisboa a bordo do cruzador Pedro Nunes.

A manifestação prestada foi imponentíssima, constituindo um comovente velo de saudade, concorrendo a milhares de pessoas, especialmente da classe marítima, tendo-se feito representar as classes não só de Lisboa, mas de todos os núcleos marítimos das margens do Tejo, embarcações, associações, agências e companhias marítimas. As associações de classes marítimas e as agências marítimas tinham a sua haste as suas bandeiras e sinais.

O cortejo saiu do Posto de Desinfecção, pelas 14 horas e meia, vendo-se local e imediações repletos de pessoas, que aguardavam o enterro para nele se encorpararem.

Abriu a procissão a Associação dos Fradeiros do Porto de Lisboa, com o seu estandarte envolto em crepes e uma bandeira enrolada, ladeada por dois associados. Seguiam-se as associações dos Móveis de Cereais, Fogareiros de Mar e Terra, Estivadores, Descarregadores do Seixal, Marítimos de Aldeia, Conferentes Marítimos, todos com bandeiras e estandartes.

No funeral estavam largamente representadas a Banda do Comando Geral de Artilharia, os Descarregadores de Lisboa, Catracas, Criados e Cozinhais de Marinha Mercante Estrangeira, Descarregadores do Barreiro,

O naufrágio do lugre

«Dois Nunes»

Foi imponentíssimo o funeral de três dos naufragos, constituindo uma tocante manifestação de saudade

Como anunciamos, realizaram-se ontem os funerais dos tripulantes do lugre «Dois Nunes», naufragado no Canal da Mancha, Abel Queiroz, José dos Santos e José Abente, cujos cadáveres vieram para Lisboa a bordo do cruzador Pedro Nunes.

A manifestação prestada foi imponentíssima, constituindo um comovente velo de saudade, concorrendo a milhares de pessoas, especialmente da classe marítima, tendo-se feito representar as classes não só de Lisboa, mas de todos os núcleos marítimos das margens do Tejo, embarcações, associações, agências e companhias marítimas. As associações de classes marítimas e as agências marítimas tinham a sua haste as suas bandeiras e sinais.

O cortejo saiu do Posto de Desinfecção, pelas 14 horas e meia, vendo-se local e imediações repletos de pessoas, que aguardavam o enterro para nele se encorpararem.

Abriu a procissão a Associação dos Fradeiros do Porto de Lisboa, com o seu estandarte envolto em crepes e uma bandeira enrolada, ladeada por dois associados. Seguiam-se as associações dos Móveis de Cereais, Fogareiros de Mar e Terra, Estivadores, Descarregadores do Seixal, Marítimos de Aldeia, Conferentes Marítimos, todos com bandeiras e estandartes.

No funeral estavam largamente representadas a Banda do Comando Geral de Artilharia, os Descarregadores de Lisboa, Catracas, Criados e Cozinhais de Marinha Mercante Estrangeira, Descarregadores do Barreiro,

O naufrágio do lugre

«Dois Nunes»

Foi imponentíssimo o funeral de três dos naufragos, constituindo uma tocante manifestação de saudade

Como anunciamos, realizaram-se ontem os funerais dos tripulantes do lugre «Dois Nunes», naufragado no Canal da Mancha, Abel Queiroz, José dos Santos e José Abente, cujos cadáveres vieram para Lisboa a bordo do cruzador Pedro Nunes.

A manifestação prestada foi imponentíssima, constituindo um comovente velo de saudade, concorrendo a milhares de pessoas, especialmente da classe marítima, tendo-se feito representar as classes não só de Lisboa, mas de todos os núcleos marítimos das margens do Tejo, embarcações, associações, agências e companhias marítimas. As associações de classes marítimas e as agências marítimas tinham a sua haste as suas bandeiras e sinais.

O cortejo saiu do Posto de Desinfecção, pelas 14 horas e meia, vendo-se local e imediações repletos de pessoas, que aguardavam o enterro para nele se encorpararem.

Abriu a procissão a Associação dos Fradeiros do Porto de Lisboa, com o seu estandarte envolto em crepes e uma bandeira enrolada, ladeada por dois associados. Seguiam-se as associações dos Móveis de Cereais, Fogareiros de Mar e Terra, Estivadores, Descarregadores do Seixal, Marítimos de Aldeia, Conferentes Marítimos, todos com bandeiras e estandartes.

No funeral estavam largamente representadas a Banda do Comando Geral de Artilharia, os Descarregadores de Lisboa, Catracas, Criados e Cozinhais de Marinha Mercante Estrangeira, Descarregadores do Barreiro,

O naufrágio do lugre

«Dois Nunes»

Foi imponentíssimo o funeral de três dos naufragos, constituindo uma tocante manifestação de saudade

Como anunciamos, realizaram-se ontem os funerais dos tripulantes do lugre «Dois Nunes», naufragado no Canal da Mancha, Abel Queiroz, José dos Santos e José Abente, cujos cadáveres vieram para Lisboa a bordo do cruzador Pedro Nunes.

A manifestação prestada foi imponentíssima, constituindo um comovente velo de saudade, concorrendo a milhares de pessoas, especialmente da classe marítima, tendo-se feito representar as classes não só de Lisboa, mas de todos os núcleos marítimos das margens do Tejo, embarcações, associações, agências e companhias marítimas. As associações de classes marítimas e as agências marítimas tinham a sua haste as suas bandeiras e sinais.

O cortejo saiu do Posto de Desinfecção, pelas 14 horas e meia, vendo-se local e imediações repletos de pessoas, que aguardavam o enterro para nele se encorpararem.

Abriu a procissão a Associação dos Fradeiros do Porto de Lisboa, com o seu estandarte envolto em crepes e uma bandeira enrolada, ladeada por dois associados. Seguiam-se as associações dos Móveis de Cereais, Fogareiros de Mar e Terra, Estivadores, Descarregadores do Seixal, Marítimos de Aldeia, Conferentes Marítimos, todos com bandeiras e estandartes.

No funeral estavam largamente representadas a Banda do Comando Geral de Artilharia, os Descarregadores de Lisboa, Catracas, Criados e Cozinhais de Marinha Mercante Estrangeira, Descarregadores do Barreiro,

O naufrágio do lugre

«Dois Nunes»

Foi imponentíssimo o funeral de três dos naufragos, constituindo uma tocante manifestação de saudade

Como anunciamos, realizaram-se ontem os funerais dos tripulantes do lugre «Dois Nunes», naufragado no Canal da Mancha, Abel Queiroz, José dos Santos e José Abente, cujos cadáveres vieram para Lisboa a bordo do cruzador Pedro Nunes.

A manifestação prestada foi imponentíssima, constituindo um

Enfardeiras, arame de enfarde, foices e gadas, licoes, móveis, motores, cimento, tijolo e barro refratário, serra fita e circular, cunhas, marretas, malhos e britadeiras, arames, chumbo em tubo, barra em chapa, zinco em chapa, Barra e lâminas para caldeiras. Estojo e metal antifricção.

Aos melhores preços

Parafusos com porca, cantaria e outras ferragens e ferramentas. Maquinhas de serrar, sem fio e circulares. Pás, picaretas, ancinhos, ondas, carros de mão e para sacar, aços.

António Furtado dos Santos, Ares & C. 148, Rua da Boa-Vista, 150 — Tel. 1780-C.

O BRIC-Á-BRAC DE ALCANTARA

José Nicolau Veríssimo
RUA DE ALCANTARA, 37
SUCURSAL — RUA DO LIVRAMENTO, III e IV

Compra, vende e troca móveis novos e usados e toda a qualidade de artigos de mobília completa de quarto, casa de jantar, escritório e sala. 5% de desconto aos assinantes da Batalha.

Companhia de Papel de Gois

FÁBRICA toda a qualidade de papéis de embrulho, sacos, cartuchinhos, manteigueiro, costaneiras, almacôes, coquilles, escrita, impressão, assetinados, capas e carta, bem como papéis de fabricação especial

Lisos e pautados

Agente e depositário geral

A. B. dos REIS

52, Cais do Sodré, Lisboa — Telefone C. 4.317
10, Rua da Nova Alfândega, Porto — Tel. 2.192

NICOLAU GOMES CORRÉA

Alfaiate-Mercador



CAUTELAS DO MONTE-PIO GERAL

Ouro, prata, platina e pedras preciosas, compra-se cobrindo todas as ofertas, transações rápidas.

Rua Assunção, 57, 3.º, E. Ourives

CANDEIAS

a Casa que em Lisboa vende calçado mais barato

INTENDENTE defronte do Chafariz

SUBLIME CALÇADO

De todas as qualidades e preços

FÁBRICO MANUAL

Ninguém compra sem primeiro ver os nossos artigos e sem aumentos:

Sapataria Brasil, on. do Caldas

RUA DA MADALENA, 208

Descontos aos operários

CALÇADO

Ninguém compra!!!

Sem primeiro verem os preços da SAPATARIA SOCIAL OPERÁRIA

Botas para homem a 8\$50 — Sapatos bonitos a 7\$20 — Botas para rapaz a 2\$70

Sapatos verniz, salto Luís XV, a 12\$50

temos em existência 100 mil pares de calçado que vendemos por preços extraordinariamente baratinhos.

E a casa que mais barato vende

256 — Rua dos Fanqueiros — 255

GRANDES ARMAZENS DE LISBOA

Lanifícios e Alfaiataria

Acabam de receber um grande sortido de lanifícios para a próxima estação, vindos directamente das fábricas, o que vendemos a preços resumidos.

Há sempre fatos já feitos em todas as medidas, tanto para homens como para senhoras e crianças.

PEÇAM AMOSTRAS PARA CONFRONTO
206, Rua dos Fanqueiros, 310
Lisboa

AS VALENTE S E PERAS PARA A RÁPAZIADA

Disputam-se à pancada

Boas brancas a 9\$750 e 10\$250
Boas pretas 2 sozinhas a 13\$750

O nosso sortido impõe-se. Venham ver! Botas de couro, homens, liquidados a 11\$000, 12\$000, 13\$000.

Sapatos de peleca para senhora a 7\$500, 8\$000, 10\$000, 11\$000.

Sapatos em peleca verniz para senhora, salto à Luiz XV, a 11\$500, 12\$500, 13\$000.

Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Sul e Sueste e da Cooperativa dos Empregados do "Diário de Notícias".

SAPATARIA S. ROQUE
16 — Largo de S. Roque — 17

SIFILIS

Grande descoberta de plantas para a cura das sifilis e de todas as doenças que derivam da impureza do sangue. Comunica de pessoas se tornaram curadas. Trata-se das doenças por meio de ervas. Preço, 600 réis. Travessa da Oliveira, 21, rox do alto, ditoso, à Estrela.

CALÇADO

Ninguém vende mais barato

Para homem, senhora e crianças. Não se paga luxo e vai-se bem servido. CASA PROGRESSO, Rua D. Pedro V, 59 a 63, esquina da R. da Rosa.

Envia-se catálogo grátis

OURO

COMPRA-SE e paga-se bem, prata e platina qualquer quantidade.

RELOJOARIA E OURIVESARIA

do CAIS DO SODRÉ

Rua do Corpo Santo, 54

DEPÓSITO: 763

Pomada "MARY",

A melhor para dar lustro e conservar o calçado. Descontos aos revendedores

DEPÓSITO:

MORRIS & RODRIGUES

Rua Marechal Saldanha, 13

Nunes & Nunes, Limitada

CASA BANCÁRIA

RUA AUREA, 97 — LISBOA, 741

Telefone C. 2103 e 2203

Câmbios, papéis de crédito nacionais e estrangeiros, coupons, notas e moedas estrangeiras.

Descontos e transferências.

Depósitos à ordem e à prazo.

Palmira Augusta de Pinho

FALECEU

Senhor marido André de Pinho Venâncio, seu

padrinho António da Costa Leite e sua mãe

Maria Augusta Leite, participam aos seus amigos e pessoas de suas relações o falecimento

de sua querida esposa e filha, devendo

próximo sair da casa de sua residência

calçada do S. Vicente, 46, amanhã, segun

da feira, as 15 horas, para o cemitério

oriental.

Com. Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos

de 30 de Novembro de 1894

Serviço dos Armazéns Gerais — Venda de barris vazios

No dia 21 de Fevereiro pelas 18 horas, na

estação central de Lisboa (Rossio), perante

a comissão executiva dessa Companhia, se

reabrirá sortido de barris vazios.

As condições estão patentes, em Lisboa,

no seu refeitório central do Serviço dos Arma

zéns Gerais (Sociedade da estação de Santa

Apolónia) todos os dias úteis das 10 às

18 horas.

O depósito só será admitido a licitar de

ve ser feito até às 12 horas precisas do dia

de concurso, servindo de regulador o relógio

exterior da estação de Rossio.

Lisboa, 9 de Fevereiro de 1920. — O diretor

geral, Ferreira de Mesquita.

EDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio, correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido agente reformado António Almeida

Freire da Divisão do Material e Trac

ção, a pensão por elelegada como contribuinte

do Cais do Rio Tejo e Pensão da referida

Companhia, na termo de Rossio, Lisboa, 26 de Maio de 1887, concorrendo a divisão

ou impugnando o pedido em requerimento

da viúva Maria Assunção Martins de Almeida

e sua filha Aurora e Laura.

Findo este prazo será tomada delibera

ção em conformidade com as disposições do

citado Regulamento, para os devidos efeitos.

Lisboa, 5 de Fevereiro de 1920. — O diretor

geral da Contabilidade Central, Mance

Baqueria.

A contar da publicação do presente anúncio

correm editos de 30 dias para se habilitarem

junto da Companhia dos Caminhos de Ferro

Portugueses os herdeiros do falecido

agente reformado António Almeida

Freire da Divisão do Material e Trac

ção, a pensão por elelegada como contribuinte

do Cais do Rio Tejo e Pensão da referida

Companhia, na termo de Rossio, Lisboa, 26 de Maio de 1887, concorrendo a divisão

ou impugnando o pedido em requerimento

da viúva Maria Assunção Martins de Almeida

e sua filha Aurora e Laura.

Findo este prazo será tomada delibera

ção em conformidade com as disposições do

citado Regulamento, para os devidos efeitos.

Lisboa, 5 de Fevereiro de 1920. — O diretor

geral da Contabilidade Central, Mance

Baqueria.

A contar da publicação do presente anúncio

correm editos de 30 dias para se habilitarem

junto da Companhia dos Caminhos de Ferro

Portugueses os herdeiros do falecido

agente reformado António Almeida

Freire da Divisão do Material e Trac

ção, a pensão por elelegada como contribuinte

do Cais do Rio Tejo e Pensão da referida

Companhia, na termo de Rossio, Lisboa, 26 de Maio de 1887, concorrendo a divisão

ou impugnando o pedido em requerimento

da viúva Maria Assunção Martins de Almeida

e sua filha Aurora e Laura.

Findo este prazo será tomada delibera